



Vivências presenciais e a distância: uma visão tensiva da educação

Thiago Moreira Correa

thiago.moreira.correa@gmail.com

Resumo: Parte-se das vivências na educação presencial e a distância no Ensino Superior para extrair suas categorias tensivas. Com base nessas premissas, busca-se analisar o discurso a respeito da qualidade de ensino para cada modalidade, dentro do universo discursivo considerado. Assim, a conciliação entre vivências e teorizações semióticas direcionam as reflexões de nosso texto influenciadas pela perspectiva de Matte (2018), amparada na semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011).

Palavras-chave: EAD; Educação; Semiótica; Tensividade.

1. Educação presencial e EAD

A vivência como professor (e aluno) na educação presencial e na educação a distância (EAD) direcionou uma reflexão sobre as configurações tensivas a respeito de cada modalidade no Ensino Superior. Grande parte dessas experiências aconteceram em algumas instituições privadas, logo, nosso escopo é reduzido. Contudo, a tensividade traz um método de análise generalizante que facilita a observação em outras Instituições de Ensino, o que permite sua reprodução, e com isso, trazemos, de forma bastante incipiente, uma visão da construção do sentido em cada “tecnologia” de educação: a presencialidade e a digitalidade.

Há muitas distinções entre a educação presencial e a educação a distância. Escolhemos, então, tratar das diferenças tensivas entre as duas modalidades de educação. Assim, ao abordar nossa vivência indiretamente, estamos partilhando as mesmas experiências educacionais. Sem caracterizar-se como um relato de experiência, empreendemos uma análise dos discursos produzidos pela educação presencial e a distância sob o viés de um relato de experiência, potencializado.

Ao considerar a educação presencial, observamos que se explora as valências na extensidade de modo inverso, pois enquanto o espaço deve ser fechado, o tempo é



longo. Podemos identificar essas direções por de meio de figuras discursivas comuns a esse universo semântico, que circunscrevem a atuação dos integrantes do espaço escolar, por exemplo, sala de aula, carteira, fechamento dos portões, grade horária, grade curricular, etc. Da mesma forma, o tempo é alongado, não somente na percepção dos alunos (vítimas das coerções escolares), mas também no próprio discurso escolar que explora as vantagens de se ter tempo para o estudo, em atividades intra e extraclasse. Essa construção discursiva seria empregada em todos os níveis educacionais. Seria mudado apenas o grau de adesão dos estudantes, quer dizer, na Educação Básica, o espaço fechado e o tempo longo seriam vistos negativamente, ao passo que no Ensino Superior e, mais especificamente, na Pós-Graduação essa relação seria valorizada.

Então, na intensidade, o que vemos é uma desaceleração no andamento, típico desse universo escolar que interrompe continuamente o tempo e o espaço para cumprir as demandas curriculares. Cada aula tem uma duração específica, com espaços específicos, o que pode desacelerar o processo de aprendizagem, visto que cada aluno possui sua temporalidade, nem sempre em consonância com o ponteiro do relógio. Ressaltamos que a desaceleração não está vinculada ao estereótipo da “aula chata”, mas, sim, à cronometragem do processo de ensino-aprendizagem. Imaginem um aluno tão concentrado e interessado em uma aula de Didática que gostaria de iniciar naquele mesmo momento a leitura de um livro indicado pelo professor, contudo, o horário da aula acaba e ele deve abrir o livro de Estatística na sequência. Cria-se uma parada nesse fluxo de aprendizagem e desacelera-se o andamento subjetivo daquele estudante.

Tal configuração tensiva teria alta tonicidade, seja euforizante ou disforizante. A educação presencial, com sua vasta tradição social, produziria grande impacto dentro dos discursos educacionais, resultando em sua valorização, na maioria dos casos, ou em sua contestação. A presencialidade seria associada à maior qualidade de ensino devido ao seu “isolamento” das distrações do mundo exterior, ao controle do tempo de estudo, à concentração e à regularidade espaço-temporal no processo de ensino-aprendizagem.





Assim, a educação presencial seria constituída tensivamente de uma espacialidade fechada, de uma temporalidade longa, de um andamento desacelerado e de alta tonicidade. A partir dessa estrutura, a Educação a Distância contrapõe-se como um caminho alternativo a essa tradição de ensino.

Em uma formação dos valores baseada na flexibilidade temporal e espacial, a EAD configura-se pela espacialidade aberta, pois qualquer lugar pode ser o espaço de estudo, basta ter acesso ao material didático via internet. Sua temporalidade é breve, já que os momentos de estudo se fragmentam nas lacunas de descanso do dia a dia do estudante. Essa característica é corroborada pelo material didático dos cursos online: vídeos curtos, web aulas rápidas, apostilas sucintas. E, mesmo aqueles que de modo disciplinado separam um tempo para os estudos, como na educação presencial, ainda assim esse tempo tende a ser mais breve e sujeito a maiores interrupções.

A heterogeneidade de espaço e tempo produzem um aceleração do processo de ensino-aprendizagem, primeiro, porque os textos didáticos costumam pautar-se pela brevidade, segundo, porque o fluxo de aprendizagem é determinado pelo aluno, com balizas estabelecidas pela instituição – momentos para avaliações ou esclarecimento de dúvidas. Com isso, o percurso do aluno para atingir seus objetivos possui menos paradas, veja que nos cursos EAD, embora haja diretrizes curriculares, se exige maior autonomia do aluno para construção de seu conhecimento, criando um andamento acelerado.

Essa relação conversa entre as subdimensões da extensidade e o andamento, na intensidade, oscilaria na tonicidade. A EAD, ao propiciar flexibilidade na educação formal, oferecendo alternativas para o engessamento da educação presencial, seria tônica (e eufórica). Contudo, a desvalorização da EAD, por aqueles que aderem à presencialidade, não ocorreria tonicamente. E, dentro do universo de valorização do sistema a distância, haveria uma parcela daqueles que estão na EAD pela comodidade, vinculada a uma visão pragmática de obtenção do diploma (muitas vezes instrumento de progressão na carreira), tornando a EAD um meio átono para atingimento dos fins educacionais. Destaca-se que o perfil de estudante que busca



tão somente o diploma não é exclusividade da EAD, porém, os mecanismos de controle exercem mais limitações na educação presencial, o que dificulta o sucesso, não o elimina, desse tipo de aluno.

Assim, verifica-se que a educação presencial é da ordem da extensidade temporal, da desaceleração, gerando um valor de universalidade no discurso. A EAD seria da ordem da extensidade espacial, da aceleração; pois assegura sua qualidade com base na qualidade da própria modalidade de educação.

2. Considerações Finais

Podemos dizer que a vivência em cada modalidade direciona a ideia de qualidade de ensino. Na educação presencial, a extensidade temporal e a desaceleração são valorizadas tonicamente em razão de uma perspectiva acadêmica da aquisição do conhecimento. Já na educação a distância, a extensidade espacial e a aceleração vão em direção a uma visão de educação moderna.

A educação presencial explora valores do universal do ator pedagogo, destinador, transformador, humanista e com uma visão global da educação; decorrente da temporalidade extensa e da desaceleração. A educação a distância cultiva a figura do pedagogo-sujeito, ligado a valores do absoluto, profissional, gestor e com um preparo para as demandas do cotidiano escolar, decorrente da espacialidade extensa e da aceleração, típicas de um mundo globalizado.

Não posso, porém, negar que, no imaginário do mundo contemporâneo, reside um espaço especial de existência, de ser/estar, que eu proponho chamar de *locus digitalis*. Esse lugar é caracterizado pelo espalhamento irregular no tempo e no espaço, espalhamento o qual, no mundo físico das salas de aula, é regular e direcional. (MATTE, 2018, p. 70).

Contudo, não é suficiente afirmar que a modalidade em si apresenta maior ou menor qualidade no processo de ensino-aprendizagem. Dar mais tempo ou mais espaço ao processo de formação, ser tradicional ou moderno, ganhar mais ou menos prêmios de rankings e avaliações, não assegura a qualidade de ensino para o aluno.





Nota-se que a EAD, em seu discurso, busca comprovar sua qualidade com base nas características da própria modalidade, algo que a educação presencial não faz. Enquanto a EAD comprova que tem qualidade por ser EAD, devido às moralizações em relação à falta de qualidade da EAD em razão do “a distância”, a educação presencial partiria de seus méritos, já que seu modo de ensinar não é tão questionado socialmente.

Tais posicionamentos buscam responder a demandas morais da sociedade, seja intensificando a extensão do tempo ou do espaço, seja intensificando a desaceleração ou a aceleração, porém, pouco se fala do tempo, do espaço e do andamento de aprendizagem do aluno. Como essas modalidades de educação estão mais próximas de atender às demandas cognitivas do aluno?

[...] concluí que não é a tecnologia o diferencial necessário entre uma aula “moderna” e uma aula “antiga”. Explico: estou pensando moderno e antigo do ponto de vista didático. Mesmo que a didática transgressora que defendo como “moderna” já tenha dezenas de anos, a que estou chamando “antiga” remonta séculos.

Não sendo uma questão de qual tecnologia usamos, não faz diferença alguma se o campo de concentração é espacial ou temporal, se é digital ou concreto (MATTE, 2018, p. 113).

Portanto, é preciso transpor a valorização concentrada nos modos de transmissão do conhecimento, cujas moralizações são fundadas na hierarquização de classes sociais, a EAD é também desprestigiada socialmente por conta de seu menor custo e de sua aderência em classes sociais mais baixas. A qualidade poderia ser buscada no respeito ao processo de aprendizagem do estudante, futuro pedagogo em nosso caso, e nos estímulos dados a ele para desenvolver-se na sociedade. Sair das informações quantitativas vinculadas à qualidade e mudar a perspectiva autocentrada (“nossa instituição”, “nossa tecnologia”, “a EAD”, “nossos prêmios”, etc.) para visar à melhor forma de atender os alunos e de apoiar os professores seria um percurso de maior pertinência para a construção de discursos ligados à qualidade de ensino, porque “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p.47).



Referências

BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papyrus, 2003.

MATTE, Ana Cristina Fricke, LARA, G. M. P. Um panorama da semiótica Greimasiana. **Alfa Revista de Linguística**, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>>. Acesso em out. 2019.

MATTE, A. C. F. **Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

MEC. **Educação Superior a Distância**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>>. Acesso em out. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê, 2011.

ZILBERBERG, C. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: Edusp, 2006.

